

RESUMO/ ABSTRACT

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS QUE MIGRARAM DO CARIBE PARA O CANADÁ E OS ESTADOS UNIDOS

Considerações teóricas sobre a produção literária de escritoras contemporâneas que migraram do Caribe para o Canadá e os Estados Unidos, com ênfase nas representações literárias de identidades hifenizadas influenciadas pelos imbricamentos das questões de gênero, etnia e classe social e condicionadas pelas especificidades históricas e culturais; nos entrelaçamentos entre história e memória; nas conexões entre o processo diaspórico e a expressão literária, a migração e a reescritura do lar/pátria; na relevância da (auto-)representação para resgate do passado individual e coletivo.

Palavras-chave: diáspora; gênero; memória; representação.

THE LITERARY PRODUCTION OF CONTEMPORARY CARIBBEAN WOMAN WRITERS WHO HAVE MIGRATED TO CANADA AND THE UNITED STATES

Theoretical considerations about the literary production of contemporary Caribbean woman writers who have migrated to Canada and the United States, with emphasis on the literary representation of hyphenated identities influenced by the intersectionalities of gender, ethnicity and social class and conditioned by cultural and historical specificities; the intertwining of history and memory; the connections between the diasporic process and literary expression, migration and the re-writing of home; the relevance of (self-) representation for a recovery of the individual and collective past.

Keywords: diaspora; gender; memory; representation.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS QUE MIGRARAM DO CARIBE PARA O CANADÁ E OS ESTADOS UNIDOS

Leila Assumpção Harris

Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, Rio de Janeiro-RJ
laharris@uol.com.br

Minha pesquisa sobre identidades diaspóricas e os imbricamentos das questões de gênero, etnia, e classe social na construção dessas identidades norteou o projeto que executei durante os últimos três anos. *Outras cartografias: a representação de espaços geográficos, discursivos e subjetivos na produção literária de escritoras contemporâneas que migraram do caribe para países anglófonos* teve como foco principal o estudo da produção literária de escritoras provenientes do Caribe, que migraram para países de língua inglesa na infância ou adolescência. Este ensaio coloca em tela as principais considerações teóricas que serviram de alicerce para o projeto em questão¹.

A decisão de usar a infância/adolescência como recorte visou privilegiar um período crucial para a construção identitária. Tanto as escritoras migrantes como as personagens por elas criadas são influenciadas por duas ou mais culturas e desenvolvem identidades híbridas a partir das rupturas desencadeadas pelos deslocamentos múltiplos – geográficos, culturais, linguísticos e psíquicos – que vivenciam. O cunho autobiográfico de muitos textos abordados ficou evidente e foi discutido à luz de estudos teóricos que discutem práticas autobiográficas contemporâneas na chamada literatura migrante. Sidonie Smith e Julia Watson, por exemplo, observam que

¹ Trechos deste trabalho foram publicados em capítulos de livros que abordam textos literários específicos.

em narrativas autobiográficas de (des)colonização, migração, e exílio, as questões de posicionamento do sujeito assim como as geografias identitárias tornam-se particularmente complexas devido à condição provisória, liminar do sujeito em movimento e frequentemente desenraizado (SMITH e WATSON, 2010, p. 215).

No entanto, nem todos os textos selecionados podem ser caracterizados como autorreferenciais. Ressalto que não tive a intenção de estabelecer paralelos entre criadoras e criaturas, mas compartilho a visão de Maria Lucia Guelfi quando observa que “os chamados escritores pós-modernos, em consonância com os teóricos de outras áreas, questionam as fronteiras entre os ‘mundos’ criados pela arte e os mundos criados por outras formas de linguagem, inclusive o que se imagina ser o mundo ‘real’” (GUELFY, 1999, p. 36).

Também não tive a intenção de incluir no projeto todas as escritoras que se enquadram no recorte que escolhi nem de analisar todas as obras das escritoras selecionadas. Após extensa e cuidadosa leitura, as escritoras e textos selecionados foram: Loida Maritza Pérez (*Geographies of Home*), Julia Alvarez (*When the Garcia Girls Lost their Accents, Yo, Something to Declare*), Nelly Rosario (*Song of the Water Saints*) e Angie Cruz (*Let It Rain Coffee*), da República Dominicana; Edwidge Danticat (*Breath, Eyes, Memory, Krik? Krak!, The Farming of Bones, The Dew Breaker, Brother, I'm Dying, Create Dangerously*), do Haiti; Cristina García (*Dreaming in Cuban, The Aguero Sisters*) e Achy Obejas (*Memory Mambo*), de Cuba; Dionne Brand (*Sans Souci and Other Stories, The Full and Change of the Moon, A Map to the Door of No Return, What We All Long For*) e Nalo Hopkinson (*Skin Folk*), de Trinidad e Tobago; Michelle Cliff (*No Telephone to Heaven, Abeng*), da Jamaica; Jamaica Kincaid (*Lucy, Annie John, A Small Place*), de Antigua; Esmeralda Santiago (*When I Was Puerto Rican*), de Porto Rico; Paule Marshall (*Praisesong for the Widow*) dos Estados Unidos. Com exceção de Marshall, nascida nos Estados Unidos de pais recém-chegados de Barbados, as outras escritoras nasceram no Caribe e migraram para os Estados Unidos ou Canadá.

As representações literárias de identidades hifenizadas influenciadas pelos imbricamentos das questões de gênero, etnia e classe social e condicionadas pelas especificidades históricas e culturais; os questionamentos, ambivalências e mediações que afetam o sujeito diaspórico, incluindo a reavaliação dos conceitos de lar, pátria e comunidade; o papel da memória no discurso diaspórico, especialmente as conexões e entrelaçamentos entre história e memória, o individual e o coletivo, o pessoal e o político foram as principais questões abordadas. Outras questões, associadas às que acabo de mencionar, surgiram conforme trabalhamos com certos textos. Destaco entre elas, a questão da violência contra a mulher tanto no lar da terra natal quanto no da diáspora, a correlação entre a violência contra o corpo da mulher e contra o corpo da nação, o caráter transnacional da violência em determinados

contextos. As conexões entre o processo diaspórico e a expressão literária, a migração e a reescritura do lar/pátria também se afiguraram como particularmente relevantes nas obras de muitas escritoras.

A fluidez das identidades híbridas, desenvolvidas a partir das tensões e negociações que caracterizam o deslocamento diaspórico, pode ser compreendida com mais clareza se estabelecermos um paralelo com o conceito de performatividade, utilizado por Homi Bhabha em suas reflexões sobre as narrativas da nação (BHABHA, 1998, p. 207) e o conceito de performatividade que norteia a definição de gênero de acordo com Judith Butler. Assim como Bhabha, ela considera crucial a distinção entre expressividade e performatividade e afirma que os atributos de gênero são performativos, uma vez que constituem – ao invés de refletirem – as identidades que efetivamente revelam. Desconstrói assim o binarismo das categorias de gênero e qualquer ilusão sobre uma “verdadeira identidade de gênero”, associando a noção de gênero ao que fazemos em um contexto específico – não ao que somos (BUTLER, 1990, p. 140-1).

Ao discutir a “existência fronteiriça” do sujeito diaspórico, Homi Bhabha também ressalta que é ao nível da performance que o hibridismo se materializa:

O que está em questão é a natureza performativa das identidades diferenciadas: a regulação e negociação daqueles espaços que estão continuamente, *contingencialmente*, se abrindo, retraçando as fronteiras, expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença – seja ele classe, gênero, ou raça (BHABHA, 1998, p. 301).

Proponho, então, que identidades híbridas, resultantes de processos diaspóricos, são tão performativas quanto identidades de gênero.

A mediação constante da experiência de separação e envolvimento, de viver em um lugar desejando/lembrando de outro certamente afeta as identidades constituídas na diáspora, mas não necessariamente de forma negativa (CLIFFORD, 1994, p. 311). Se por um lado, o deslocamento diaspórico pode resultar em marginalização, exclusão, e angústia pelo não pertencimento, existe também a possibilidade de ação, autonomia e síntese. Edward Said argumenta que a dualidade/pluralidade de visão do sujeito diaspórico propicia a consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que lhe permite “contrapontear”, ou seja, desenvolver uma visão de mundo a partir de perspectivas, senão opostas, certamente diferentes (SAID, 2000, p. 171).

Gênero, raça, etnia, classe social, sexualidade são fatores que influenciam a construção identitária de personagens diaspóricas. Nas representações textuais de hibridismo percebemos os imbricamentos desses fatores. Confirmamos, no entanto, a necessidade de distinguir entre as diversas modalidades

de hibridismo a fim de evitar generalizações e “apagamento” de perspectivas. Como observa Shohat, conceitos como “pós-colonial” e “híbrido” precisam ser questionados e contextualizados historicamente, politicamente e culturalmente (SHOHAT, 1992, p. 246). Partindo do pressuposto que as configurações de poder diferenciam as diásporas internamente e as situam em relação umas às outras, Avtar Brah também enfatiza a relevância das especificidades para uma análise relacional de grupos diaspóricos e entre esses grupos (BRAH, 1996, p. 183).

Em “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior”, Stuart Hall pondera sobre a natureza complexa e provisória da identidade cultural caribenha, cujas

configurações sincretizadas (...) requerem a noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo e sem fim (HALL, 2003, p. 33).

Essas “configurações sincretizadas” fazem do Caribe o local *par excellence* para a investigação dos processos de hibridismo (PURI, 2004, p. 2) e levam Carol Boyce Davies a argumentar que no contexto das Américas uma visão do Caribe que incorpore uma história de genocídio, escravidão, e brutalidade física requer uma definição de cultura que inclua oposição, resistência e transformação (DAVIES, 1994, p. 12). Como nos lembra Catherine Hall, a população nativa do Caribe foi praticamente destruída durante a primeira grande onda colonizadora. Em consequência, os habitantes das ilhas são forçosamente de outras regiões: povos africanos trazidos como escravos, trabalhadores contratados que migraram de uma parte do império britânico para outra; refugiados políticos ou religiosos, e os colonizadores europeus – britânicos, espanhóis, franceses e holandeses – que passaram a constituir a cultura dominante (HALL, 1996, p. 68). As identidades caribenhas tornam-se ainda mais complexas a partir da intensificação dos processos migratórios na segunda metade do século XX. Stuart Hall, em entrevista concedida à Kuang Hsing Chen, observa que esse movimento migratório do Caribe para outros países é uma rediasporização (HALL, 2003, p. 431), ou seja, uma diáspora de sujeitos já diaspóricos.

Jana Braziel e Anita Mannur argumentam que estudos diaspóricos são instrumentais para a criação de espaços de resistência às forças homogeneizadoras da globalização e para a reavaliação dos conceitos de nação e nacionalismo, assim como das relações entre cidadãs/aos e estados-nação (BRAZIEL e MANNUR, 2003, p. 7). Em *The Politics of Home*, Rosemary George ressalta o potencial subversivo de lar/pátria nas variadas redefinições presentes em narrativas contemporâneas de escritoras

migrantes e chama atenção para o sentido mais amplo da palavra *home* “como o espaço geográfico maior a que pertencemos: país, cidade, comunidade” (GEORGE, 1999, p. 11). As redefinições de lar/pátria e do espaço social em comunidades transnacionais são vistas como fundamentais para teóricos que sinalizam a importância de entendermos como as nações-estado e sociedades nacionais reagem aos desafios gerados pelo transnacionalismo (YEOH, CHARNEY, KIONG, 2006, p. 8). Assim como os estudos teóricos, a inclusão do verbete *home* – que ocupa cerca de duas páginas – na edição revista (2005) de *New Key Words: A [Revised] Vocabulary of Culture and Society*, editada por Tony Bennett, Lawrence Grossberg e Meaghan Morris, coloca em relevo o significado especial e complexo (e eu acrescentaria visceral) do termo lar/pátria para migrantes e seus descendentes. Vários dos romances selecionados contêm redefinições de lar/pátria e dramatizam tanto a abrangência como a ambivalência do termo. Nestas narrativas diaspóricas, o “lar” pode ser visto tanto como um lugar seguro quanto aterrorizante (BRAH, 1996, p. 180). A sensação de não pertencimento, tão familiar para o sujeito migrante, fortalece a noção do lar como um espaço acolhedor. No entanto, o lar também pode ser um local onde o corpo da mulher é alvo de violência, que muitas vezes existe antes do deslocamento diaspórico e continua no novo “lar” (FRIEDMAN, 2004, p. 198, 200).

No passado que faz parte de uma experiência diaspórica, os “processos de esquecimento, assimilação e distanciamento” contribuem para um “apagamento” das memórias, cuja recuperação vai depender em grande parte das conexões que o sujeito diaspórico consegue manter com sua terra natal (CLIFFORD, 1994, p. 310). Sob uma ótica contemporânea que considera história e literatura como processos discursivos – “altamente convencionais em suas formas narrativas” – cujo impacto reside mais na verossimilhança do que na verdade objetiva (HUTCHEON, 1989, p. 105), percebemos uma analogia clara entre o ato de narrar e o ato de lembrar: ambos envolvem seleção, exclusão, e até mesmo criação. Consideramos também o que Sidonie Smith e Julia Watson chamam de “política da memória”, política essa que envolve conflitos sobre que tem autorização para lembrar, sobre o que pode/deve ser lembrado ou esquecido tanto pessoal como coletivamente (SMITH e WATSON, 2010, p. 24). O *topos* da memória, incluindo as variadas implicações de lembrar e esquecer, assim como da autorização para lembrar, permeia a obra das escritoras diaspóricas. Adotando uma postura crítica e privilegiando as narrativas que seus personagens produzem na vida cotidiana como cidadãos e cidadãs comuns, as escritoras selecionadas frequentemente desconstróem narrativas pedagógicas e enfatizam o performativo, reescrevendo a história a partir de narrativas individuais e coletivas (BHA-BHA, 1998, p. 207).

Em nossa abordagem dos textos selecionados, tivemos a oportunidade de constatar que a produção literária das escritoras migrantes contemporâneas tem contribuído para legitimar experiências

e posicionamentos diversos dos sujeitos diaspóricos. Várias teóricas, incluindo Carole Boyce Davies (1994), Gayatri Spivak (1996), Trinh Minh-ha (1997), Susan Friedman (2004) e Wendy Walters (2005) têm explorado as conexões entre a consciência diaspórica e a expressão literária, discutindo o posicionamento crítico e potencial de agenciamento das escritoras migrantes. Spivak, por exemplo, deixa claro que a exploração e opressão da mulher na nova diáspora ocorrem de forma heterogênea e que, na maioria das vezes, ela “não tem como assumir o papel de agente crítica da sociedade civil e lutar contra as depredações da cidadania econômica global”. No entanto, mesmo alertando sobre os perigos de se falar pelo Outro, não invalida essa possibilidade e pondera a respeito de um “intervencionismo acadêmico” por parte daquelas que, sendo parte do grupo, adquirem voz e transitam fora dele (SPIVAK, 1996, p. 249-52).

Minh-ha também faz considerações a respeito de *insiders* e *outsiders* ao discorrer sobre o local de fala da mulher que assume o papel de mediadora entre culturas (MINH-HA, 1997, p.415) e Walters argumenta que o duplo deslocamento causado pela exclusão racial e o processo diaspórico contribuem para uma distância intelectual e um posicionamento crítico favoráveis à criação literária (WALTERS, 2005, p. VIII).

Carole Boyce Davies explora a conexão entre a escrita e o processo diaspórico e afirma que a migração cria o desejo pelo lar/pátria, que por sua vez estimula a reescritura do lar/pátria. Usando como exemplo as escritoras afro-caribenhas nos Estados Unidos, Davies argumenta que elas desestabilizam duplamente as narrativas oficiais sobre a nação e sobre o lar (DAVIES, 1994, p. 113). Partindo da premissa que a condição diaspórica estimula a ficcionalização de memórias e aspirações do futuro, Susan Friedman teoriza o que ela chama de uma poética do deslocamento, gerada a partir da conscientização do sujeito feminino da necessidade de deixar sua casa, do reconhecimento que o lar pode ser um local de afeto, mas não ser desejado/desejável, e que, portanto precisa ser abandonado (FRIEDMAN, 2004, p. 195, 205). O ato de partir se configura então como uma pré-condição para a fala, para a escrita, e para a possibilidade de autonomia.

Por outro lado, não é raro encontrarmos aqueles que acreditam que o deslocamento espaço-temporal compromete a autenticidade da visão e até mesmo o direito do sujeito diaspórico de escrever sobre o estado-nação que ficou para trás. Durante um encontro promovido pela revista *Meridians* em 2003, escritoras contemporâneas que nasceram na República Dominicana e no Haiti participaram de uma mesa-redonda na qual discutiram, entre outros assuntos, as implicações de escreverem a partir de uma perspectiva diaspórica². Maritza Loida Perez, nascida na República Dominicana e residente

² O encontro, que aconteceu no *Smith College*, foi o primeiro de uma série sobre escritoras caribenhas e resultou na publicação de uma entrevista com as participantes no ano seguinte.

nos Estados Unidos, ressalta a importância da perspectiva, que impulsiona as escritoras migrantes a questionarem “mitos sobre história, cultura, classe, e raça”, pois o distanciamento crítico lhes permite explorar ângulos diferentes e perceber tanto lacunas como equívocos nas narrativas da nação. Perez se posiciona como uma romancista que encara a realidade como multifacetada e escreve a partir de perspectivas múltiplas e contraditórias, sem tentar definir “a realidade” e sem fazer uso de uma voz narrativa única que interprete as vidas de seus personagens (CHANCY; DANTICAT; PEREZ; 2004, p. 73-4). Danticat confessa que precisa do distanciamento físico e emocional, pois quando se encontra no Haiti, as sensações, especialmente as nostálgicas, a impedem de escrever. Mesmo sem descartar o fator geográfico usado na distinção entre escritores que vivem dentro ou fora do Haiti, ela argumenta que há toda uma geração que saiu do Haiti ainda jovem e se pergunta: “Será que temos que nos manter em silêncio porque alguém pensa que não somos suficientemente autênticos?” (CHANCY; DANTICAT; PEREZ; 2004, p. 73).

Em “Revisitando a Mulher na Literatura: horizontes e desafios”, Rita Schmidt discorre sobre as “dificuldades de transferência e de mediação de categorias conceituais produzidas em molduras de referência do campo discursivo do feminismo para categorias de análise do campo discursivo da crítica literária e de seu objeto que é o texto literário” (SCHMIDT, 2010, p. 269). Ao longo do projeto, procuramos coadunar os estudos teóricos sobre as diásporas contemporâneas com os textos selecionados, investigando a representação literária de personagens diaspóricas e contemplando assim o processo diaspórico através de universos ficcionais. Afinal, não podemos esquecer que estamos lidando com literatura. Daí a necessidade de considerarmos experiências diversas e narrativas particulares, sem cairmos em generalizações ou adotarmos visões reducionistas.

Ao comentar sobre a relação entre geografia, cultura, e língua, Carole Boyce Davies observa que a legitimidade do discurso depende do local de fala e da autoridade de quem fala. A falta de credibilidade e/ou autoridade das mulheres interfere no processo de transmissão de suas experiências pessoais. Não é apenas um a questão de geografia física, mas de posicionamento do sujeito num sentido mais amplo em termos de raça, classe, gênero, sexualidade, educação (DAVIES, 1994, p. 20-1). Cristina García, escritora cubano-americana contemporânea, questiona simultaneamente a autorização masculina para lembrar/narrar e a imposição da história oficial sobre narrativas particulares, observando: “A maior parte da História é escrita por homens para homens. [Em *Dreaming in Cuban*] eu quis explorar as repercussões pessoais de um grande acontecimento político” (*apud* BROWN, 2005, p. 255).

De acordo com Stuart Hall, a revolução cultural mais profunda do século XX está intimamente associada ao poder de representação – nas artes em geral, na política e na esfera social – alcançado

por indivíduos e grupos marginalizados, que ao adquirirem voz, passam de objeto das narrativas das culturas dominantes a sujeito de suas próprias narrativas, permitindo assim que

novos sujeitos, novos gêneros, novas etnias, novas regiões e novas comunidades – todos previamente excluídos das principais formas de representação cultural, incapazes de se posicionarem a não ser como descentrados ou subalternos – [apareçam] e [alcancem] através da luta, às vezes ainda que de forma bastante marginalizada, os meios de falarem por si próprios pela primeira vez (HALL, 1996, p. 183).

O acesso à (auto-)representação, o resgate das “estórias escondidas”, ou seja, a possibilidade de recuperar e reinterpretar o passado no presente são instrumentais para o fortalecimento de identidades comunitárias. Como frisa Bell Hooks, “a memória não precisa ser uma reflexão passiva, um desejo nostálgico..., [e] pode funcionar como um meio de conhecer e aprender com o passado” (HOOKS, 1990, p. 40).

Gostaria de concluir com uma reflexão de Beatriz Sarlo, professora, crítica literária e cultural argentina, que passou anos debruçada sobre os testemunhos e autobiografias daqueles que sobreviveram às atrocidades da ditadura argentina. Em *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, Sarlo faz uma análise crítica das condições teóricas, discursivas e históricas dos textos selecionados, explorando não só o potencial como os limites das narrativas não ficcionais em primeira pessoa. Quase no final do livro, ela faz a seguinte afirmação: “Se tivesse que falar por mim, diria que encontrei na literatura (tão hostil a que se estabeleçam sobre ela limites de verdade) as imagens mais exatas do horror do passado recente e de sua textura de idéias e experiências”. Após oferecer exemplos de obras ficcionais que corroboram sua posição, ela acrescenta: “A literatura, é claro, não dissolve todos os problemas colocados, nem pode explicá-los, mas nela um narrador sempre pensa *de fora* da experiência, como se os humanos pudessem se apoderar do pesadelo e não apenas sofrê-lo” (SARLO, 2007, p. 117, 119).

Referências bibliográficas

ALVAREZ, Julia. *How the García Girls Lost their Accents*. New York: Plume Books, 1992.

_____. *In the Time of the Butterflies*. New York: Plume Books, 1995.

_____. *¡Yo!*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books, 1997.

_____. *Something to Declare*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books, 1998.

- BENNET, Tony; GROSSBERG, Lawrence; MORRIS, Meaghan. "Home". *New Keywords: A Revised Vocabulary of Culture and Society*. Oxford: Blackwell, 2005. p. 162-4.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 1996.
- BRAND, Dionne. *Sans Souci and Other Stories*. Stratford, Ontario: Williams Wallace Publishers Inc, 1988.
- _____. *At the Full and Change of the Moon*. New York: Grove Press, 1999.
- _____. *A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging*. Toronto: Doubleday Canada, 2001.
- _____. *What We All Long For*. Toronto: Vintage Canada, 2006.
- BRAZIEL, Jana; MANNUR, Anita (eds.) *Theorizing Diaspora*. Malden: Blackwell, 2003.
- BROWN, Scott. S. "A Conversation with Cristina García". In: GARCÍA, Cristina. *Dreaming in Cuban*. New York: Random House Publishing Books, 1992, p. 249-56.
- CHANCY, Myriam J. A.; DANTICAT, Edwidge; PÉREZ, Loida Maritza. "Voices from Hispaniola". *Meridians*, v. 5, n. 1, 2004, p. 69-91.
- CLIFF, Michelle. *No Telephone to Heaven*. New York: Plume Books, 1987.
- _____. *Abeng*. New York: Plume Books, 1995.
- CLIFFORD, James. "Diaspora". *Cultural Anthropology*. v. 9, n. 3, 1994, p. 302-38.
- CRUZ, Angie. *Let It Rain Coffee*. New York: Simon & Schuster, 2006.
- DAVIES, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject*. London, New York: Routledge, 1994.
- DANTICAT, Edwidge. *Krik? Krak!*. New York: Vintage Books, 1996.
- _____. *Breath, Eyes, Memory*. New York: Vintage Books, 1998.
- _____. *The Farming of Bones*. New York: Penguin Books, 1999.
- _____. (ed). *The Butterfly's Way: Voices from the Haitian Dyaspora in the United States*. New York: Soho Press, 2001.

_____. *Brother, I'm Dying*. New York: Vintage Books, 2008.

_____. *Create Dangerously: the Immigrant Artist at Work*. Princeton: Princeton University Press, 2010.

FRIEDMAN, Susan. "Bodies on the Move: a Poetics of Home and Diaspora". *Tulsa Studies in Women's Literature*, v. 23, n. 2, 2004, p. 189-212.

GARCÍA, Cristina. *Dreaming in Cuban*. New York: Ballantine Books, 1993.

_____. *The Agüero Sisters*. New York: The Ballantine Publishing Group, 1997.

GEORGE, Rosemary. *The Politics of Home: Postcolonial Relocations and Twentieth Century Fiction*. Berkeley: University of California Press, 1996.

GUELFÍ, Maria Lucia. "Ficção e história: um jogo de espelhos". *Gragoatá*. Niterói, v. 6, n.1, 1999, p. 25-41.

HALL, Catherine. "Histories, Empires and the Post-Colonial Moment". In: CHAMBERS, Iain; CURTI, Linda (eds.). *The Post Colonial Question: Common Skies, Divided Horizons*. London: Routledge, 1996. p. 65-77.

HALL, Stuart. "The Local and the Global: Globalization and Ethnicity". In: McCLINTOCK, Anne et al (eds.). *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial Perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 173-87.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

HOPKINSON, Nalo. *Skin Folk*. New York: Aspect Science Fiction, 2001.

HOOKS, Bell. *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*. Toronto: Between the Lines, 1990.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. Routledge: New York, 1996.

KINCAID, Jamaica. *Lucy*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1990.

_____. *Annie John: A Novel*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1997.

MARSHALL, Paule. *Praisesong for the Widow*. New York: Plume books, 1984.

_____. *A Small Place*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2000.

MINH-HA, Trinh. “Not You/Like You: Postcolonial Women and the Interlocking Questions of Identity and Difference”. In: McCLINTOK, Anne *et al.* (eds.). *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial Perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. p. 415-9.

OBEJAS, Achy. *Memory Mambo*. Cleis Press: Pittsburgh, 1996.

PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin Books, 2000.

PURI, Shalini. *The Caribbean Postcolonial: Social Equality, Post-Nationalism, and Cultural Hybridity*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

ROSARIO, Nelly. *Song of the Water Saints*. New York: Vintage Books, 2003.

SAID, Edward. *Reflections on Exile and Other Essays*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

SANTIAGO, Esmeralda. *When I Was Puerto Rican*. New York: Da Capo Press, 1993.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Revisitando a Mulher na Literatura: horizontes e desafios. In: STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

SHOHAT, Ella. *Taboo Memories, Diasporic Voices*. Durham: Duke University Press, 2006.

SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. *Reading Autobiography: A Guide for Interpreting Life Narratives*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2010.

SPIVAK, Gayatri. “Diasporas Old and New: Women in the Transnational World”. *Textual Practice*, v. 10, n. 2, 1996, p. 245-69.

WALTERS, Wendy. *At Home in Diaspora: Black International Writing*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

YEOH, Brenda; CHARNEY, Michael; KIONG, Tong Chee. *Approaching Transnationalisms: Studies on Transnational Societies, Multicultural Contacts, and Imaginings of Home*. Boston: Kluwer Academic Publishers, 2003.

Recebido em 17 de fevereiro de 2011

Aprovado em 26 de abril de 2011